

## **trabalho crítico com os conceitos**



# O tempo do desejo, os tempos da interpretação, o tempo do ato

MARC STRAUSS

Interessa-se aqui distinguir três tempos, acessoriamente multiplicando o segundo. E demonstrar que eles pertencem a diferentes modos de existência e correspondem a três tempos no tratamento.

I - Assim, o primeiro, o tempo do desejo, é o da fala inocente, a que se diz e não se sabe o que se está a dizer. Ela transcorre na chamada vida corriqueira, em que a ignorância é coberta pela máscara do eu. Ela também se profere no divã, é a fala analisante, da associação livre, aquela que, *de pacto*, está colocada sob a chancela do saber esperando seu complemento interpretativo.

A esse tempo do desejo e da fala correspondem tempos gramaticais.

Uns tempos e não, os tempos; portanto não são todos, pois a esses tempos falta aquele sobre o qual direcionarei minha pergunta: Onde está o presente? Com a aplicação concreta, clínica, tentarei responder a essa questão que se enuncia em: Quando eu posso dizer que estou presente? E o que quer dizer também: Quando eu posso me sentir no presente?

Por que a esses tempos da fala inocente faltaria o presente?

Pois, é que o desejo não está no presente. Na verdade, é ele o inocente; precisamente, é o que o causa, e ele está muito ocupado em seguir seu objeto. Um objeto que ele não quer acreditar que seja aquilo que lhe falta. E ele não pode aceitar não tê-lo capturado. Se o fizer, será obrigado a mudar, a colocar outro objeto no lugar do objeto esperado. Outro objeto, mas o mesmo lugar.

Assim, o sujeito do desejo vive no futuro. Ele se projeta no momento no qual ele estará na presença do objeto, reunido a ele. Projeta-se mesmo em um futuro em que poderá se ver como se estivesse no presente. Lacan desenvolveu essa dimensão do futuro anterior do desejo.

O sujeito projeta esse encontro futuro porque lhe faltou o encontro passado. Um primeiro engano deixou seu rastro, sua

cicatriz de insatisfação que ele quer apagar. Quer repetir da melhor maneira, sem erros, o que lhe faltou numa primeira vez. Esta reminiscência do traço projeta-o num futuro esperado da apreensão do objeto primordialmente perdido. De um passado para um futuro, o presente sendo a transição evanescente entre os dois

Existem nesses tempos emoções que também estão vinculadas: esperança e medo. É uma animação particular do corpo: a pressa.

Pois no tempo do desejo, eu não tenho tempo a perder. O objeto está lá, mais ou menos ao alcance do olhar, da voz, da mão, ele me espera. E eu sei que a cada instante corro o risco de ser ultrapassado pela morte, de ter interrompida minha corrida. E seria uma pena, todos esses esforços por nada...

Mas no momento de apreensão do objeto, um receio aparece. Isso é o certo? É preciso estar seguro, não ser tolo por uma precipitação causada por uma ilusão. E por isso, suspende o movimento, afim de que ele possa ser retomado com conhecimento de causa. Como a segunda vez poderia ser com conhecimento de causa? Em todo caso, suspender seu movimento é também o que fazem os outros, os outros prisioneiros do tempo lógico<sup>1</sup>. Portanto, como eles estão parados também, eu poderei retomar minha caminhada.

Mas eles irão realmente? Verifiquemos ainda se eles estão seguros de sua decisão, pois sua partida precedente era bem voluntária. Paremos mais uma vez e vejamos se eles vão partir. Sim, partir duas vezes é o bastante para dar prova que a primeira suspensão não era fato do acaso. Portanto, não é o movimento do sujeito que lhe dá a certeza, mas sim, a suspensão desse movimento. A segunda suspensão dá à primeira o verdadeiro sentido de suspensão.

Eis aqui o objeto que se oferece a mim. A porta vai se abrir e eu vou enfim passar o limiar. Logo me verei livre! Mas livre do quê? O que se passa pela porta aberta não é o espaço infinito dos possíveis. Existe aí um objeto se oferecendo, mas, ao mesmo tempo, como decepção e alívio. Este objeto obtido não é o esperado. Decepção, pois me resta a liberdade de consumir eventualmente esse objeto-recompensa, até que o efeito de satisfação em si passe e me faça partir novamente em busca do verdadeiro objeto. Alívio, pois se ele fosse o certo, teria cosido minha busca, e o desejo que

<sup>1</sup> Lacan. "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada", (1945/1998).

me representa se extinguiria ao mesmo tempo em que ela. Conseqüentemente, eu posso hesitar de me satisfazer com o objeto que se apresenta; hesitações que correspondem aos tipos clínicos de neuroses: quando muito ameaçadora, é necessário ao fóbico evitá-la e, quando muito decepcionante, é necessário recusá-la; o histérico precisa se subtrair a isso, portanto, anorexia do seu consumo; e o obsessivo tornando-o inadequado e conseqüentemente impossibilitado.

Eu posso também estar cansado da corrida por um tempo, o tempo de se recuperar, de descansar. Aliás, com a pilotagem automática do aparelho psíquico, posso descansar e continuar minha corrida. Mesmo que durma e sonhe, ou esteja acordado, continuo com a mesma corrida.

Mas seja qual for minha energia de desejar, o sentido do desejo será a fuga do presente, no sentido da evasão. Se o sentido foge, no sentido do tonel<sup>2</sup>, o sentido do desejo é a fuga, no sentido do recolhimento; desejo como defesa, diz Lacan. Acrescentamos: como defesa contra o presente.

<sup>2</sup> Lacan. « Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos », (1975/2003, p.550).

## II - os tempos da interpretação

O segundo tempo é o da interpretação. Nós havíamos dito os tempos da interpretação, não pelo fato de serem gramaticalmente variados, mas porque se repetem através de formas diferentes. É o tempo do traumatismo. Um tempo não dito, não é um tempo gramatical, não acede à existência da linguagem, ao contrário, é o tempo do mal-entendido, dos lapsos, dos equívocos. Ele corta o fluxo da linguagem, interrompe a doce sonolência da pilotagem automática. Ele surpreende, suspende os semblantes. E assim, repete da mesma maneira o primeiro trauma, o da falta do objeto. Com ele, temos que despertar, existe urgência. É preciso apagar o incêndio provocado pela queda da vela, pois em vez de queimar certinho em seu lugar, inflama o corpo inteiro.

Tornar impossível a queda da vela é a intenção do neurótico. Ele tem fixações pelas quais ele a estiva, mesmo se por isso se fixar um pouco demais, até tornar-se servo da vela e lhe supor um querer: ser a vela e, assim, adorá-la para se assegurar de que ela se mantém benévola, isto é, imóvel. Acreditar saber como ter a vela sob controle é tranqüilizador. Mas o desmentir da realidade não

tarda. O acidente, sob todas suas formas, mostra que não é isso! Ainda existe outra coisa, mas para conhecê-la, isto é, administrá-la, ele precisaria preparar-se de outra maneira!

Pela repetição de cortes interpretativos, revelam-se ao sujeito suas manobras para ter, de acordo com o seu desejo, uma vela dotada de um poder que o proteja do incêndio, assegure os semblantes que dão ao objeto do seu desejo uma imagem. Assim, progressivamente, a vela aparece em sua tolice de vela, S1.

Com efeito, ele não quer mais a vela senão como diretor de prisão, e por aí, de liberdade, de evasão possível. Não tem diretor para decidir inscrever sobre o corpo de cada prisioneiro a sua cor específica; o que nós escrevemos  $S(A)$ . Nenhum dos prisioneiros pode deduzir a cor dos outros em relação a sua, isto é, a verdadeira natureza de seu sexo, que acaba sendo sua significação para além de sua anatomia. O tempo  $S(A)$ , tempo da interpretação, não pode se quantificar, classificar-se. Ele se experimenta em sua (ex)istência.

||| - o ato

O terceiro tempo é o do ato. Um tempo distinto daquele do desejo, com a sua fuga, como também do da interpretação, que é suspensão, um corte do tempo no qual o sujeito só aprende com o seu desaparecimento fora da cadeia das suas representações, na angústia. Da mesma forma, o tempo do trauma é sem seqüência, sem seqüência nova. Depois de sua suspensão, aquilo é retomado como antes, repetição vã, diz Lacan.

Em contrapartida, no ato o sujeito o repete também, mas é outra coisa. A partir da constatação de uma repetição vã, ele pode correr o risco absoluto de optar sem garantia. Desde então, não pode sustentar as conseqüências da sua afirmação na resposta que os outros querem emitir para lhe dar o seu sentido. Ele se baseia no outro por duas coisas: autenticar o que diz e, sobretudo, autenticar que ele fala e que foi escutado como quem fala.

Mas o que o sujeito quer dizer falando? Ele quer certamente que o outro confirme que ele disse exatamente o que pensava ter dito, o que gostaria de dizer; pode ser, por exemplo, que era homem ou que era mulher, ou que estava morto ou vivo. Portanto, que o outro lhe assegure seus semblantes. Mas o sujeito sabe

muito bem: as repostas que ele recebe dos seus parceiros o decepcionam. O outro não sabe mais do que ele, ele faz a mesma coisa, pede o que lhe falta enquanto o sujeito quer ser amado por outra coisa, não por um semblante e sim por algo que o faça sentir-se único.

A palavra nessa situação é sem esperança, como se devesse proceder apenas como semblante. Resta-lhe falar, para se reconhecer como quem fala além dos semblantes, para se reconhecer como *parlêtre*.

E o ato é uma maneira de se usar a linguagem diferente do semblante; não é tampouco um corte traumático, pois é da ordem da escrita.

Gostaria de propor hoje a idéia, que nossa experiência nos revela, de que não estamos no tempo presente se não estivermos no tempo do ato, e que esse tempo do ato é um tempo de escrita. O que me obriga a precisar quando o dizer torna-se escrita, pois não há ato sem dizer.

É mais simples dizermos que o dizer são os ditos, esses que fluem e que fogem, pois o dito deixa traço. E o traço constitui o sujeito; ou, o que dá no mesmo, o substitui.

Um traço que quer ser escrito não pode ser o fato de um acidente. É um traço destinado a dar sentido para outro, para seu leitor, que pode ser o autor à ocasião. Escrever não é a atitude do animal que deixa seus rastros sem pensar, como se fosse um acidente da natureza, mas é a marca da vontade de um sujeito. Logo, não é somente o sinal de um desejo, mas o fato de um sujeito ter aceitado se colocar na situação sem uma possível retomada, sem um possível esquecimento. Isso distingue bem a escrita da fala, que pode turbilhonar em todos os sentidos ou se anular, salvo, é claro, a palavra de quem analisa, em que o dito está dito. Nisso ela se iguala à escrita, indelével, sem deixar traço residual<sup>3</sup>.

Então, o presente do ato é o dizer que se escreve, que não cessa de se escrever. Primeiro, inconscientemente, na palavra de desejo e no sintoma que a acompanha e a completa. Metodicamente em seguida, no decorrer de uma análise, em que o analista é o arquivista de direito da rede associativa e quem a pontua e ordena por meio dos seus cortes interpretativos. E, finalmente, na parte final de uma análise, quando além da imaginação e da encenação, se isolam pedaços da língua que, fazendo coincidir

<sup>3</sup> Lacan. O Seminário, livro 20: *mais, ainda*, (1993, p.40).

significantes e o gozo provado do corpo, formam a única certeza do sujeito.

Enfim, talvez esse dizer que se escreve no presente esteja também na transmissão de experiência da análise, por conseguinte, nos dispositivos que se propõem a nós com essa finalidade: passe, supervisão e, por fim, a elaboração analítica.

Assim, o tempo do ato realizaria o presente, momento sem promessa, sempre já passado, como aquele do desejo; momento sem suspense, momento de ausência do sujeito como nos outros tempos da interpretação, mas tempo de presença ao contrário, tempo de encarnação do verbo, conseqüentemente de realização do sujeito.

Seria a hora de distinguir a História e a obra-de-arte do escrito, tal como dizemos com Lacan. Com efeito, a História, assim como a obra-de-arte, estão fixadas com alfinetes para Lacan, não com os do ato, mas com os da prestidigitação do passe. Por quê? Elas não são pensáveis sem o ato que as constituiu, mas tanto uma como a outra não podem transmitir nada desse ato, elas podem apenas registrar sua ocorrência. O historiador poderá apenas supor-lhe um sentido, sem acesso possível ao real sujeito da história, a sua dimensão criadora. A obra-de-arte, em contrapartida, deixa marca de que alguma coisa realmente se passou, assim como disse Claude Lévi-Strauss. Mas somente traço, pois o sujeito em sua obra não está mais ali, ele seria apenas o dejetivo do seu ato. Isso deveria nos levar a distinguir a obra-de-arte do escrito, que não pode jamais se reduzir a dejetivo, mesmo se lhe é necessário passar pela *pouvelliciation*<sup>4</sup>.

Ele permanece sempre como portador da singularidade da voz daquele que o cometeu e, contrariamente da obra-de-arte, suas interpretações, suas leituras, por mais abertas que possam ser, não podem ser abertas a todos os sentidos. Desse ponto de vista, escrever e ler se juntam num presente que pode sempre se repetir, uma repetição que se caracteriza como aquela do saber, sempre primeira, isto é, sem perda. Resta-nos desejar que todos sejam bons leitores.

Tradução: Bruno R. Tasso  
Revisão: Andréa Brunetto

<sup>4</sup> Nota do tradutor: o autor utiliza o neologismo criado por Lacan, feito da junção da palavra "publicação", mas ao mesmo tempo associando o termo "*poubelle*", que traduzindo para o português significa "cesto de lixo". Daí: "*pouvelliciation*". Em português, a tradução utilizada por alguns, inclusive na tradução dos *Outros Escritos* é publicação, feito da junção das palavras *publication*, publicação e *poubelle*, lixo.

## referências bibliográficas

- LACAN, Jacques. *O Seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1993.
- LACAN, Jacques. (1975) « Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos ». In: *Outros Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2003.
- LACAN, Jacques. (1945) "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada". In: *Escritos*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1998.



## RESUMO

Nesse artigo estabelece-se três tempos para o tratamento: os tempos do desejo, da interpretação e do ato. E o tempo do ato é tratado como a encarnação do verbo, conseqüentemente realização do sujeito.

## palavras-chave

Desejo, trauma, interpretação, escrita

## abstract

In this article three times for treatment are established: the desire, the interpretation and the acting times. And the acting time is faced as the incarnation of the verb, consequently, the individual's accomplishment.

## key words

Desire Time, Interpretation Times, Acting Time

recebido

10/08/2008

aprovado

04/09/2008